

Inserção competitiva da indústria brasileira de bens de capital (IBBK) no mercado internacional no período de 2008-2016

Competitive insert of the brazilian industry of capital goods (IBBK) in the international market for the period 2008-2016

Anselmo Carvalho de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho analisou a inserção no mercado internacional da indústria brasileira de bens de capital no período de 2008-2016. Foram realizadas análises descritivas sobre os valores das importações, exportações, saldos comerciais, participação nos fluxos internacionais totais, principais parceiros comerciais. Também foram calculadas a taxa de cobertura, as vantagens comparativas reveladas e a participação de mercado. Os resultados mostraram que o Brasil é um importador líquido de bens de capital e apresentou déficits na balança comercial do setor. Somente o subsetor de transporte apresentou um desempenho positivo e acumulou superávits comerciais. As exportações e as importações brasileiras de todos os subsetores analisados estão concentradas em poucos países; entre os principais importadores do Brasil destacam-se a Argentina, os Estados Unidos e o Chile.

Palavras-chave: Importação; Bens de capital; Inserção internacional; Competitividade

ABSTRACT

The present study analyzed the insertion in the international market of the Brazilian capital goods industry in the period 2008-2016. More general descriptive analyzes were carried out on the values of imports, exports, trade balances, participation in total international flows, main trading partners. We also calculated the index to measure the coverage rate, revealed comparative advantages and market share. The results showed that Brazil is a net importer of capital goods and consistently presents deficits in the trade balance of the sector. Only the transportation subsector performs positively and has accumulated trade surpluses. Brazilian exports and imports of all subsectors analyzed are concentrated in few countries. Among the main buyers of capital goods in Brazil are Argentina, the United States and Chile.

Key words: Import; Capital goods; International insertion; Competitiveness

¹Mestrado em andamento em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Brasil.
anselmocarvalhooliveira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

No início da década de 1980, o Brasil possuía um parque industrial de bens de capital bastante diversificado, verticalizado e de baixa escala de produção. A produção recebia proteção do Governo, mas não apresentava níveis de eficiência e competitividade para buscar maior inserção no mercado internacional (ARAUJO, 2009; VERMULM, 1995).

Os padrões de instalação e expansão do setor não viabilizaram a sua operacionalização como fator de geração de um movimento endógeno de desenvolvimento e difusão de progresso tecnológico e inovações, como aconteceu nos países industrializados e desenvolvidos (RESENDE, ANDERSON, 1999).

Na década de 1990, com a abertura comercial, o Brasil iniciou um processo de aumento da indústria por meio de uma melhor alocação intersetorial de recursos, redução das empresas ineficientes e acesso a insumos e bens de capital mais baratos e de melhor qualidade. As principais mudanças nas orientações gerais da política econômica foram: a) abertura do mercado interno, com a eliminação das proibições e das licenças de importações, das medidas não-tarifárias e dos regimes especiais de importação e com a redução das tarifas médias de 57,5% em 1987 para 32,2% em 1990 e para 11,2% no final de 1994; b) privatizações; c) redução das taxas de inflação e estabilização macroeconômica com o Plano Real (ABREU, WERNECK, 2014).

Em 1990, com o Plano Collor I, a indústria apresentou forte retração, o que afetou particularmente o setor de bens de capital. A demanda por bens importados foi favorecida: pela redução das tarifas, em média, de 16,7 pontos percentuais para o setor (CASTRO, 2011); pela aceleração da atividade econômica entre 1993-1996 e a retomada do investimento externo; e pela forte apreciação cambial entre 1994-1999.

O padrão das importações mudou ao deixar de ser direcionado para compras de produtos sem similares nacionais para produtos concorrentes e substitutos (ARAUJO, 2009).

O setor reestruturou-se com o objetivo de aumentar a sua competitividade. As empresas reduziram as linhas de produção e a verticalização, adotaram novas estratégias administrativas e técnicas organizacionais, reduziram o número de trabalhadores, aumentaram a especialização produtiva e substituíram a produção nacional, sobretudo, de peças e componentes por produtos importados (RESENDE, ANDERSON, 1999).

Com a nova conjuntura macroeconômica, entre 1994-1997, a formação bruta de capital fixo (FBKF) ampliou-se 18,4%, mas o item máquinas e equipamentos nacionais encolheu 18,8%, enquanto o item máquinas e equipamentos importados cresceu 107,6% (LAPLANE, SARTI, 1999; WEISE, 2000).

Os investimentos cresceram e foram importantes na modernização das empresas. Entre 1994-1997, os investimentos responderam positivamente à estabilização econômica com aumento de 14,5% em 1992 para 18% do PIB no último trimestre de 1997. Os investimentos estrangeiros aumentaram o fluxo total de US\$ 730 milhões em 1990 para US\$ 21,887 bilhões dos quais US\$ 17,048 bilhões foram diretos (ID). O problema foi a concentração desses investimentos, principalmente no setor de serviços, com cerca de 83,7% do total contra 13,3% destinados à indústria (LAPLANE, SARTI, 1999).

Segundo Weise (2000), as empresas estrangeiras instaladas no país passaram a importar insumos e componentes básicos dos seus países de origem cujas consequências foram a desagregação da cadeia produtiva nacional e o bloqueio da formação de novas cadeias nesses setores; também não aconteceu grande transferência tecnológica para o

país. A indústria nacional acabou ficando na margem do processo de inovação do setor, pois as transferências ocorreram, sobretudo, em técnicas e processos de produção maduros.

A abertura comercial iniciada nos anos de 1990 promoveu uma especialização tanto da cadeia produtiva quanto da estrutura das exportações e importações do país. Houve o aumento das importações dos bens de capital para suprir a demanda interna. E o aumento do fluxo de investimentos estrangeiros foi acompanhado de uma inexpressiva inserção internacional das empresas brasileiras, o que revelaria, por um lado, a falta de competitividade da indústria nacional e, por outro, reforçaria a ideia de desnacionalização da cadeia produtiva do setor.

Nesse contexto, o objetivo do artigo foi investigar a inserção internacional da indústria brasileira de bens de capital (IBBK) no período recente (entre 2008-2016).

O texto estrutura-se em quatro seções, além dessa introdução e das considerações finais. Na próxima seção, apresenta-se uma nota metodológica sobre os caminhos percorridos na pesquisa; na terceira, foi discutido a inserção brasileira no comércio mundial desses produtos; a quarta, foram analisadas as vantagens comparativas reveladas do setor; e a última seção foi dedicada à análise sobre a participação de mercado do país.

NOTA METODOLÓGICA

Na literatura econômica, bens de capital são definidos, genericamente, como máquinas e equipamentos utilizados para produzir bens ou prover serviços, sem que sejam incorporados ao produto final ou destruídos durante o processo (portanto, diferem-se dos insumos). Existem variações na agregação dos bens de capital que dificultam a coleta dos dados e a sua comparação entre diferentes períodos de tempo e estudos publicados. Segundo Vermulm (2003), no nível microeconômico, o mercado de bens de capital é significativamente heterogêneo e caracteriza-se como uma abstração quando analisado de forma totalmente desagregada¹.

Para evitar esses problemas, a classificação adotada nesta pesquisa utiliza o relatório de produtos do Índice Especial Bens de Capital da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os produtos foram subdivididos em setores: Seriados, Não Seriados, Agrícola, Construção, Energia Elétrica, Transporte e de Uso Misto.

Os dados para os fluxos comerciais (CIF) foram extraídos a seis dígitos na classificação HS. A amostra de 284 produtos listados como bens de capital nesta pesquisa representa 27.26% dos todos os produtos classificados no grupo UNCATAD-SoP-4

1. O cuidado com relação à delimitação dos produtos e das atividades analisadas em uma pesquisa sobre o setor de bens de capital é relevante em três aspectos: 1) em razão da sua heterogeneidade, a escolha dos produtos tem profundas implicações sobre os resultados dos índices e estimações; 2) Uma definição muito abrangente implica na inclusão de produtos ou atividades, principalmente as que envolvem a produção de peças ou a prestação de serviços de manutenção e instalação, que não são, *stricto sensu*, bens de capital. Por outro lado, uma definição muito restritiva implica em grande volume de informações e na dificuldade para se obter todos os dados sobre as diferentes variáveis que são relevantes para uma análise abrangente do setor. 3) Como cada pesquisa caracteriza o setor de uma forma, é difícil estabelecer comparações entre os resultados obtidos, o que prejudica a acumulação do conhecimento na área.

Consolidado de bens de capital. Para as exportações foram usados dados espelhados das importações (CIF) dos países com os quais o Brasil realizou comércio².

A compatibilização dos produtos e atividades entre os diferentes sistemas utilizou a PRODLIST Indústria 2013 e 2016, o volume 38 do Relatório Metodológico – IPP para Indústria de Transformação e as tabelas de compatibilidade da Comissão Nacional de Classificação (CONCLA).

Os valores em dólares foram deflacionados para o ano base de 2010 pelo Índice de Preços por Atacado – Oferta Global –, Indústria (IPA-OG) calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), salvo quando explicitado de forma diferente ou quando os dados forem citados com base em pesquisas de terceiros.

Para responder ao problema de pesquisa, foram realizadas análises descritivas sobre os valores das importações, exportações, saldos comerciais, participação nos fluxos internacionais totais, principais parceiros comerciais, participação de mercado e índice de vantagem comparativa revelada de Lafey (IVCRL).

De acordo com Lafay (1992), a vantagem comparativa é um conceito estrutural no qual é importante eliminar as influências de variáveis macroeconômicas que possam causar desequilíbrios conjunturais ou não estruturais no balanço de pagamentos.

Para eliminar esses desequilíbrios, considera-se um balanço da conta corrente “normal” para o país - aquela compatível com os movimentos estruturais de capital -, o seu desenvolvimento relativo e a sua importância econômica. Na prática, contudo, toma-se como referência um saldo zero de equilíbrio na conta corrente ou comercial³. Para calcular o saldo zero, atribui-se a cada indústria ou setor um peso no déficit ou superávit da balança comercial do país; para eliminar as mudanças dos padrões de comércio mundial do setor k que afetam o comércio do país j do setor k, mas que não podem ser interpretadas como mudanças nas (des)vantagens comparativas do país, o IVCRL é normalizado pelo fator einmun antes da agregação (LAFAY, 1992).

$$IVCRL = 1000 * \left(\frac{X_k^j - M_k^j}{PIB^j} \right) - \frac{(X_k^j + M_k^j)}{(X^j + M^j)} * 1000 * \left(\frac{X^j - M^j}{PIB^j} \right) \quad (1)$$

X^j – exportações totais do país j no ano analisado t.

M^j – Importações totais do país j no ano analisado t.

X_k^j – exportações do setor k do país j no ano analisado t.

M_k^j – importações do setor k do país j no ano analisado t.

PIB – Produto Interno Bruto do país j no ano analisado t.

Para eliminar mudanças dos padrões de comércio mundial do setor i que afetam o comércio, o IVCRL é normalizado pelo fator as einmun antes da agregação (LAFAY, 1992).

2. Existe uma diferença nos valores dos dados CIF e FOB. A escolha entre dados CIF e FOB refletem diretamente sobre o saldo da balança de pagamentos e sobre os índices calculados na pesquisa. Nesta pesquisa, particularmente, optou-se por dados das importações (CIF) e dados espelhados para as exportações.

3. É preferível adotar a conta corrente como referência para a análise, segundo Lafay (1992), porque os desequilíbrios mais graves decorrem do fluxo de mercadorias e também porque os fluxos comerciais apresentam menores erros sistemáticos de mensuração.

$$e_{kn}^{mun} = \frac{(X_{kn}^{mun} + M_{kn}^{mun}) / (X_n^{mun} + M_n^{mun})}{(X_k^{mun} + M_k^{mun}) / (X^{mun} + M^{mun})} \quad (2)$$

X_{kn}^{mun} – Exportações do setor k do mundo no ano base n.

M_{kn}^{mun} – Importações do setor k do mundo no ano base n.

X_n^{mun} – Exportações totais do mundo no ano base n.

M_n^{mun} – Importações totais do mundo no ano base n.

X_k^{mun} – Exportações do setor k do mundo no ano analisado t.

M_k^{mun} – Importações do setor k do mundo no ano analisado t

X^{mun} – Exportações totais do mundo no ano analisado t.

M^{mun} – Importações totais do mundo no ano analisado t.

A taxa de cobertura setorial é um indicador que revela a porcentagem das importações desagregadas por setor do país paga pelas exportações do mesmo setor:

$TCS = \frac{X_k^j}{M_k^j}$. A taxa de cobertura normalizada pondera a taxa de cobertura setorial pela

taxa de cobertura da economia: $TCSN = \frac{X_k^j}{M_k^j} / \frac{X^j}{M^j}$.

Para calcular a participação de mercado, optou-se por agrupar as exportações em períodos e utilizar os valores médios nesses períodos para verificar a composição da pauta. Esse procedimento evita a distorção dos resultados por mudanças anuais muito drásticas - uma marca de alguns anos do período analisado (GRAMS *et al.*, 2013). A participação de mercado do Brasil é calculada pela soma das exportações brasileiras do setor para o país i sobre as importações totais do setor no país de referência i do resto do

mundo: $Share = \frac{X_k^{ji}}{M_k^{imun}}$

A INSERÇÃO COMPETITIVA DA IBBK NO MERCADO INTERNACIONAL

A estrutura e o desenvolvimento recentes da IBBK afetaram positivamente a inserção no mercado internacional dos bens de capital brasileiros? O objetivo deste tópico é analisar os fluxos das exportações de bens de capital considerando a competitividade dos produtos nacionais.

Nas últimas três décadas, marcadas, sobretudo, pela abertura comercial, o equilíbrio macroeconômico, a apreciação cambial e o crescimento da demanda internacional por commodities naturais e minerais afetaram tanto a estrutura, quanto a direção dos fluxos comerciais brasileiros. Quanto à estrutura, a pauta de exportação se tornou, novamente, dominada por commodities agrícolas e mineiras e por bens de baixa intensidade tecnológica. O Brasil é um importador líquido de bens de capital e pouco integrado às cadeias globais do setor participando de apenas 0.94% das exportações e 1.25% das importações mundiais acumuladas durante o período, ocupando a 23ª em ambos os quesitos (Tabela 8; Tabela 9); quanto à direção, a China tornou-se o principal exportador para o Brasil e ocupou a posição historicamente dominada pelos Estados Unidos. Já os Estados Unidos ocuparam a posição de principal importador do Brasil ultrapassando a Argentina (Tabela 6).

Em 2008, o fluxo mundial desses bens foi de cerca de US\$ 2,042,780,654.52 mil (a preços constantes de 2010). O Brasil participou com 1.23% das exportações e 1.25% das importações mundiais. Em 2016, o fluxo mundial cresceu para US\$ 2,380,399,176.16 mil, no entanto, a participação brasileira caiu para 0.84% e 0.94% respectivamente. Os maiores importadores e exportadores mundiais são a China, Alemanha e Estados Unidos (Tabela 8 ; Tabela 9).

As exportações brasileiras no período reduziram cerca de 20.78%, de US\$ 25,193,017.15 mil em 2008 para US\$ 19,958,269.91 mil em 2016 (Figura 1). Todos os setores, exceto o de transporte, apresentaram forte redução, com queda de 75.97% no setor de bens de capital de uso misto, 40.47% no de construção e 40.39% de não seriados.

O subsetor de transporte respondeu, em valores acumulados, por 45.38% das exportações brasileiras e o subsetor de construção por 20.63%. Os movimentos dos subsetores após 2014 são relevantes para entender esses números. O subsetor de transporte aumentou suas vendas em 29.92%, frente a reduções superiores a 20% dos setores de bens seriados, agrícola e construção (em 2016 frente 2014).

Alguns fatores podem ter pesado para a queda nas exportações: a) a crise financeira afetou a demanda pelos bens brasileiros no mercado internacional, com a maior redução percentual em 2009; b) os custos aumentaram acima do valor bruto da produção industrial (VBP), sobretudo, a partir de 2012, o que pode ter reduzido a atratividade do setor para novos investimentos⁴; c) as constantes valorizações da taxa de câmbio entre 2009-2014;d) as exportações brasileiras apresentam uma grande concentração de mercado. A Argentina respondeu por 23.08% do total acumulado das exportações no período, os EUA por 19.51% e o terceiro colocado, o México, respondeu por apenas 6.48% (Tabela 6). Os cinco principais importadores respondem por 58.88%. O desempenho das exportações ficou vulnerável aos problemas econômicos nos maiores mercados, sobretudo, Argentina e EUA.

No período, as compras da Argentina reduziram em 30.76%. O subsetor de Uso Misto teve uma redução de 97.79% e o de construção de 37.17%. Uma explicação para essa redução foi o desempenho da economia argentina no período, com um crescimento médio anual negativo a partir de 2012 e a depreciação do peso frente ao real e ao dólar a partir de 2013-2014. A perda só não foi maior pelo crescimento das exportações de bens não seriados e pela recuperação do subsetor de transportes em 2016 para esse mercado.

As compras americanas dos bens de capital do Brasil, por sua vez, reduziram-se em 9.02% no período como consequência da crise de 2008. As compras americanas caíram 53.07% em 2009 em relação ao ano anterior e retomaram uma lenta trajetória de crescimento, mas insuficiente para alcançar os patamares de importações anteriores à crise.

As importações brasileiras, por sua vez, reduziram-se 12.61% de US\$ 25,594,336.99 mil em 2008 para US\$ 22,366,192.81 mil em 2016 (Figura 1). A crise de 2009 e a de 2015-2016 estão entre os fatores relevantes que explicam esse resultado. Os cinco maiores parceiros, que representam 61.68% do total, reduziram as suas vendas para

4. A redução da rentabilidade da IBBK contrasta com o aumento da rentabilidade do setor de exportação de commodities. Esse contraste faz com que os setores ligados às commodities sejam mais atrativos para os investimentos levando ao aumento, no futuro, da participação na estrutura produtiva do país (NEGRI, ALVARENGA, 2010).

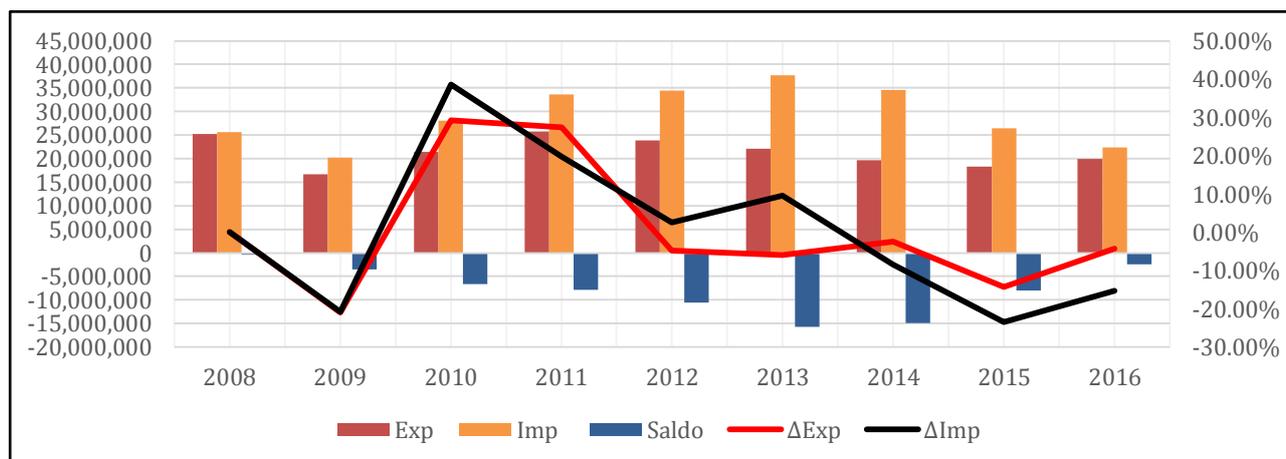
o Brasil em 2016 frente a 2013 em: 30.17% (China), 45.14% (EUA), 52.97% (Argentina), 38.16% (Alemanha), 51.19% (Japão).

A utilização da capacidade instalada (UCI) abaixo de 80% em 2015-2016, exceto para o subsetor de fabricação de outros veículos de transporte (exclusive automotores), e a falta de perspectiva de retomada rápida sinalizavam que não seriam necessários investimentos para a expansão da capacidade produtiva nos curto e médio prazos. Concomitantemente, o movimento de depreciação acentuado do câmbio encareceu os produtos importados.

No entanto, os setores de bens seriados, com variação positiva de 65.53%, e de energia elétrica, com 20.83%, apresentaram crescimento nas importações. A produção nacional nesses setores também cresceu, como mostra a análise do VBP, mas a demanda interna, mesmo com a crise, continuou dependendo da oferta externa para ser atendida em bens de alta intensidade tecnológica do setor elétrico e de máquinas e equipamentos industriais feitos sob encomenda.

A pauta das importações brasileiras concentrava-se em três subsetores: bens seriados, construção e transporte, que responderam por 68.40% do total importado.

Figura 1 – Variação do total exportado e importado e valor da exportação, da importação, do saldo comercial (Mil US\$ 2010 constante)

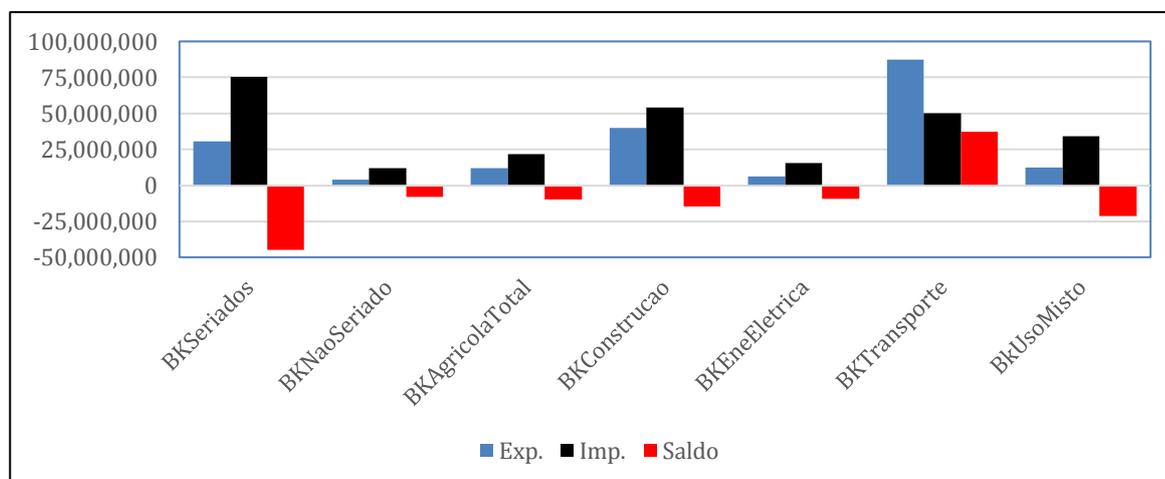


Fonte: Resultados da pesquisa, dados do CONTRADE

O déficit comercial do setor cresceu de US\$ 401,319.84 mil em 2008 para US\$ 2,407,922.90 mil em 2014. O déficit acumulado no período foi de US\$ 70,171,519.65 mil. Entre 2015-2016, os déficits foram menores do que os máximos alcançados em 2013-2014, explicado, principalmente, pela redução das importações, que foram 35.22% menores e as exportações, 1.78% maiores em 2016 frente a 2014.

Entre os subsetores, no acumulado do período, o único que apresentou superávit foi o de transportes, e o setor de bens industriais seriados teve o maior déficit (Figura 2).

Figura 2 – Balança Comercial por setorial - resultados acumulados entre 2008-2016 (Mil US\$ 2010 Constante)



Fonte: Resultados da Pesquisa, dados do CONTRADE

A evolução das taxas de cobertura normalizada (Tabela 1) indica que todos os subsetores perderam competitividade no período e que, exceto o subsetor de transporte, os demais são deficitários. Os subsetores de Uso Misto, Não Seriado e Energia Elétrica são os que apresentam as menores capacidades de pagamento, embora não tenham apresentado os maiores déficits brutos (Figura 2) em razão da participação no total do comércio ser menor do que o setor de bens seriados.

Em contraste com o setor de bens de capital, a taxa de cobertura geral da economia evoluiu positivamente até 142.63% de capacidade de pagamento das importações pelas exportações em 2016 (Tabela 2). A análise dos índices de cobertura total da economia em conjunto com o índice de cobertura setorial normalizada permite sugerir que os problemas estruturais e/ou conjeturais específicos associados ao setor de bens de capital foram impactados com maior intensidade do que o resto da economia com as crises de 2008 e de 2014-2016.

Tabela 1 – Taxa de Cobertura Setorial Normalizada (em %)

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
BK Total	83.98	66.05	66.24	64.81	61.09	58.01	55.11	58.30	62.56
Seriados	40.18	37.44	35.06	34.64	34.39	34.80	36.10	34.36	31.94
Não Seriado	59.11	26.10	32.04	35.17	24.27	21.73	29.47	27.88	17.49
Agrícola	50.54	48.83	50.39	49.10	46.32	47.44	48.74	48.02	38.60
Construção	90.20	63.40	68.16	68.34	64.32	57.58	58.36	56.71	50.17
Ene. Elétrica	49.75	57.82	44.87	36.02	30.30	31.29	31.37	27.41	25.47
Transporte	201.34	143.94	154.70	169.05	149.17	131.09	114.57	130.87	188.31
Uso Misto	68.61	61.94	37.89	23.19	24.54	24.43	14.12	19.37	19.23

Fonte: Resultados da Pesquisa, dados do CONTRADE

Os efeitos das duas crises reduziram as exportações do setor, que apresenta baixa competitividade no mercado internacional. Em 2009, todos os subsetores, exceto o de energia elétrica, reduziram as exportações e, em 2014-2016, somente os subsetores de transporte e de uso misto (que possuíam uma capacidade de pagamento muito baixa) não reduziram a sua cobertura normalizada. Por outro lado, no acumulado de todos os setores, as exportações foram suficientes para pagar as importações totais, sobretudo, pelos saldos positivos do setor de bens primários no qual o país possui vantagens comparativas (HIDALGO, FEISTEL, 2013; NEGRI, ALVARENGA, 2010; OLIVEIRA, 2019).

Tabela 2 – Taxa de Cobertura Setorial em valores constantes de 2010 (em %)

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Todos Produtos	117.21	124.94	114.89	118.02	113.50	100.69	103.07	119.30	142.63
BK Total	98.43	82.52	76.11	76.49	69.34	58.41	56.80	69.55	89.23
Seriados	47.10	46.78	40.28	40.89	39.03	35.04	37.20	41.00	45.56
Não Seriado	69.28	32.61	36.81	41.50	27.55	21.88	30.37	33.26	24.95
Agrícola	59.24	61.00	57.89	57.95	52.57	47.77	50.24	57.29	55.05
Construção	105.72	79.21	78.31	80.65	73.00	57.98	60.15	67.66	71.56
Ene. Elétrica	58.31	72.24	51.55	42.51	34.39	31.51	32.33	32.70	36.33
Transporte	236.00	179.84	177.74	199.52	169.30	131.99	118.09	156.13	268.59
Uso Misto	80.41	77.39	43.53	27.37	27.85	24.60	14.56	23.11	27.43

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

VANTAGENS COMPARATIVAS

A abordagem das vantagens comparativas propostas inicialmente por Balassa e desenvolvida por vários autores parte do pressuposto que o comércio internacional é a expressão das vantagens que um país possui na produção de algum bem e as importações, por sua vez, revelam as limitações produtivas do país. Essas vantagens e desvantagens estão refletidas diretamente nos saldos comerciais que, devidamente transformados, oferecem uma imagem sintética das (des)vantagens do produto, indústria ou setor analisado. O índice de vantagem comparativa revelada de Lafay (IVCRL) é parte do grupo dos índices que aprofundaram a abordagem de Balassa.

Lafay (1992, p. 227-230) identificou que, no período entre 67-86, aconteceu uma reversão “espetacular” nas vantagens comparativas do Brasil no setor de bens primários. O setor possuía forte vantagem até 1975-1977, mas terminou o período com forte desvantagem, explicada, sobretudo, pela perda das vantagens agrícolas e pela dependência energética.

Oliveira (2019) calculou o IVCRL, no período de 1989-2016 (ano base 2010), para os quatro grandes setores de atividade (bens primários, consumo, intermediário e de capital⁵) e identificou que, a partir de 1993, o país voltou a reverter as desvantagens nos bens primários, consolidando grandes vantagens comparativas no setor. Para os bens

5. Oliveira (2019) utilizou como referências a diferença de saldo com dados CIF e FOB e todos os bens classificados no grupo UNCTAD-SoP4. A amostra utilizada nessa pesquisa corresponde a 28% dos bens nesse grupo.

intermediários, o Brasil possuía um padrão de especialização com vantagens comparativas, que se reduziu sistematicamente, apresentando desvantagens a partir de 2008. Para os bens de consumo, o país possuía desvantagem comparativa, que foi revertida, de acordo com os dados de Lafay (1992), a partir de 1973. O setor se manteve com vantagens até 2006, quando novamente apresentou redução, que se aprofundou rapidamente até 2016.

Com relação ao setor de bens de capital, Lafay (1992) mostrou que o país apresentou desvantagens em todo o período entre 1967-1986, mas com uma tendência de redução a partir de 1974. O Brasil nunca apresentou, de acordo com o IVCRL, vantagens no setor de bens de capital (LAFAY, 1992; OLIVEIRA, 2019)

Os resultados desta pesquisa, para o grupo de bens analisados, confirmaram que o país possuía desvantagens no setor de bens de capital, mas que no subsetor de transportes, por outro lado, o país possuía vantagens. Todavia, é preciso salientar que o setor é dominado por empresas multinacionais inseridas nas cadeias globais de valor, que desenvolvem grande parte dos seus projetos de engenharia e de inovação tecnológica fora do país (PEDRO, BARROS, 2011).

O movimento em direções contrárias apresentado pelo IVCRL do setor de bens primários e de bens de capital são reflexos do desenvolvimento estrutural ao longo da história da economia nacional (mesmo no setor automotivo no qual possui vantagens comparativas), sobretudo, após a abertura comercial e a crise cambial de 1999.

Delgado (2010) argumentou que o país, na década de 2000, realizou três movimentos interconectados que levaram à especialização em bens primários do comércio exterior: a) uma nova inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho como exportador de commodities para responder aos desafios da dependência de recursos externos, que foram desencadeados pela crise de 1999; b) a reestruturação política do Estado em torno do agronegócio por meio de estímulos à expansão das cadeias agroindustriais e do mercado de crédito público subsidiado e valorização das terras; c) a extração de lucros extraordinários da propriedade da terra e dos recursos naturais incentivando o investimento na exploração desses recursos. As vantagens comparativas em bens primários associada à demanda externa por commodities intensificaram a acumulação e fizeram com que investimentos nesse setor se tornassem mais atrativos do que na indústria.

Tabela 3 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Lafay em valores correntes (IVCRL)

	Seriado	Não seriado	Agrícola	Construção	Energia Elétrica	Transporte	Uso Misto
2008	-2.7750	-0.2077	-0.7405	-0.1514	-0.4657	2.6706	-0.7720
2009	-2.3702	-0.5308	-0.5653	-0.5161	-0.3203	1.0561	-0.7320
2010	-2.6035	-0.4494	-0.5510	-0.4332	-0.3934	1.4011	-1.1233
2011	-2.6929	-0.3749	-0.5917	-0.4393	-0.5289	1.7481	-1.4901
2012	-2.7641	-0.4828	-0.6605	-0.5519	-0.6434	1.3595	-1.4202
2013	-2.7482	-0.6138	-0.6759	-0.6878	-0.6139	0.9953	-1.3329
2014	-2.3696	-0.3801	-0.5515	-0.5674	-0.6012	0.4961	-1.5615
2015	-2.7010	-0.4033	-0.5738	-0.5914	-0.6953	1.0890	-1.5748
2016	-2.5301	-0.8178	-0.6872	-0.6073	-0.6805	2.3469	-1.4461

Fonte: Resultados da pesquisa, dados do CONTRADE e Word Bank

Hidalgo e Feistel (2013), com base no modelo Heckscher-Ohlin, mostraram que depois da abertura comercial, a participação dos produtos primários no comércio internacional cresceu com altas taxas e alcançou a participação de 50% no total exportado em 2010. Já os produtos manufaturados reduziram a sua participação nesse total. Esses resultados indicariam a tendência de crescimento da participação de produtos intensivos em recursos naturais e menor participação de bens intensivos em trabalho e em capital na pauta de exportações brasileiras.

Nessa linha de análise, a pauta de comércio exterior apresenta tendência de longo prazo de especialização na produção de bens intensivos nos recursos no qual a economia brasileira é abundante, isto é, terras e minerais (recursos naturais) em relação aos seus principais parceiros comerciais. Essa especialização seria o reflexo das vantagens comparativas estáticas do país diante da maior liberdade comercial e da eliminação de mecanismos de política industrial, que distorciam parte da alocação dos recursos antes da abertura comercial (HIDALGO, FEISTEL, 2013).

A especialização em bens primários deixou a economia brasileira vulnerável às variações e à deterioração dos termos de troca cujos efeitos negativos sobre o balanço de pagamentos podem restringir o crescimento no longo prazo (LAUTENSCHLAGER, 2017). Ademais, essa especialização pode levar, no médio e longo prazo, ao aumento da dependência das importações nos outros setores, particularmente de bens de capital, no qual o país apresenta desvantagens comparativas.

PARTICIPAÇÃO DE MERCADO

As exportações de bens de capital tiveram um desempenho médio inferior às exportações totais brasileiras no período e às exportações mundiais do setor. No primeiro período (2008-2010/2011-2013), as exportações brasileiras cresceram, mas ficaram aquém do crescimento das exportações mundiais. Já no segundo período (2011-2013/2014-2016), as exportações brasileiras diminuíram 19.14% (Tabela 4). As exportações brasileiras do setor no segundo período caíram 35.97% para a Argentina e 32.65% para o Chile. Essas reduções somente não foram maiores do que a queda das exportações para a Alemanha, de 42.95%.

O Brasil perdeu participação nos seis principais mercados de exportação, reduzindo o total exportado em 49.66%. No mercado argentino, a redução da participação brasileira foi de 9.51 pontos percentuais e no mercado chileno foi de 3.19 pontos percentuais.

Tabela 4 – Participação de Mercado do Brasil (Mil US\$ 2010 constante)

		EUA	Alemanha	China	México
2008-2010	Importação Total BK	308,473,323	163,295,312	99,916,970	54,695,011
	Exportação Brasil BK	3,739,915	1,125,300	581,820	1,318,698
	Market share	1.21%	0.69%	0.58%	2.41%
2011-2013	Importação Total BK	403,191,504	189,403,517	131,597,448	75,129,940
	Exportação Brasil BK	3,769,986	1,206,355	905,637	1,507,801
	Market share	0.94%	0.64%	0.69%	2.01%
2014-2016	Importação Total BK	462,663,497	186,845,189	133,032,685	83,350,869
	Exportação BK Brasil	4,873,357	688,211	722,008	1,289,428
	Market share	1.05%	0.37%	0.54%	1.55%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	30.71%	15.99%	31.71%	37.36%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	0.80%	7.20%	55.66%	14.34%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	14.75%	-1.35%	1.09%	10.94%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	29.27%	-42.95%	-20.28%	-14.48%

		Argentina	Chile	Total BK Mundo	Total 6 maiores
2008-2010	Importação Total BK	13,042,876	10,743,800	1,894,840,539	650,167,293
	Exportação Brasil BK	4,947,353	1,140,189	21,086,349	12,853,275
	Market share	37.93%	10.61%	1.11%	1.98%
2011-2013	Importação Total BK	15,116,075	16,636,903	2,451,305,149	831,075,387
	Exportação Brasil BK	5,916,868	1,233,977	23,882,028	14,540,624
	Market share	39.14%	7.42%	0.97%	1.75%
2014-2016	Importação Total BK	12,783,875	13,503,920	2,472,951,347	892,180,035
	Exportação BK Brasil	3,788,282	831,098.89	19,312,176.76	7,319,027.41
	Market share	29.63%	6.15%	0.78%	0.82%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	15.90%	54.85%	29.37%	27.82%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	19.60%	8.23%	13.26%	13.13%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-15.43%	-18.83%	0.88%	7.35%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-35.97%	-32.65%	-19.14%	-49.66%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados CONTRADE

Em 2008, o subsetor com maior participação na pauta de exportações de bens de capital (das importações pela Argentina.

Tabela 5) foi o de transportes (41.27%), seguido de construção (20.75%), seriado (14.47%) e uso misto (12.22%). No entanto, algumas mudanças significativas ocorrem na pauta no período estudado. Em 2016, a participação do subsetor de transportes cresceu para 56.69%, o que pode ser explicado, sobretudo, pela retomada das importações pela Argentina.

Tabela 5 – Participação na Pauta

	Seriados	Não seriado	Agrícola	Construção	Energia Elétrica	Transporte	Uso Misto
2008	14.47%	2.40%	5.82%	20.75%	3.06%	41.27%	12.22%
2009	16.44%	2.53%	6.11%	18.09%	4.94%	38.66%	13.23%
2010	15.62%	2.35%	6.22%	20.61%	3.56%	44.03%	7.61%
Média 2008-2010	15.38%	2.42%	6.03%	20.00%	3.73%	41.51%	10.93%
2011	15.97%	2.15%	6.23%	22.08%	3.15%	45.45%	4.98%
2012	16.06%	1.73%	6.05%	23.64%	2.95%	44.55%	5.01%
2013	16.40%	1.94%	6.55%	22.24%	3.07%	44.97%	4.83%
Média 2011-2013	16.13%	1.95%	6.27%	22.65%	3.06%	45.00%	4.94%
2014	18.09%	2.05%	6.91%	21.81%	3.48%	44.42%	3.25%
2015	16.85%	1.78%	6.19%	19.12%	3.10%	48.93%	4.04%
2016	14.14%	1.81%	5.15%	15.59%	2.91%	56.69%	3.71%
Média 2014-2016	16.34%	1.88%	6.08%	18.81%	3.16%	50.08%	3.66%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados CONTRADE

Salvo o subsetor de transportes, todos os demais apresentaram taxas médias anuais negativas de crescimento das exportações. As menores taxas foram do setor de uso mistos com 9.50% a.a., e de Construção e Bens Seriadados com 5.05% a.a.

As perdas do setor de uso misto (Tabela 16) tiveram média de 9.50% a.a., reduzindo o total exportado de US\$ 3,079,770.37 mil em 2008 para US\$ 740,185.58 mil em 2016. Uma explicação para essa redução foi a queda das importações da Argentina de US\$ 1,188,390.25 mil para US\$ 85,640.71 mil, cerca de 93%. Entre os 16 maiores importadores de bens de uso misto do Brasil, o país perdeu mercado em 14 deles, somente as exportações para China e Bolívia tiveram desempenho positivo.

No setor de construção (Tabela 13), o Brasil também acumulou perdas. Em 2016, as exportações caíram para a Argentina (37.17%), EUA (35.70%), México (58.39%), Peru (25.10%) e Chile (31.83%). Esses cinco mercados respondiam por 63.54% das exportações acumuladas desse subsetor no período.

Nota-se que as causas da redução das exportações totais de bens de capital não podem ser atribuídas somente à crise interna, mas também ao menor dinamismo das importações mundiais do setor no período, que cresceram apenas 0.88% frente um crescimento de 29.37% no período anterior. Além disso, outro fator relevante para explicar a redução das exportações brasileiras foi o aumento das exportações da China e o seu

ganho de *market share* no mercados da América Latina⁶ e Caribe e América do Norte (LAUTENSCHLAGER, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise internacional de 2008-2009 e a crise econômica e política interna de 2014-2016 afetaram os fluxos comerciais de bens de capital do Brasil. No entanto, esses dois eventos não foram as únicas razões que explicam o desempenho desses fluxos.

Tanto as exportações como as importações brasileiras de todos os subsetores analisados estão concentradas em poucos países. Os seis maiores parceiros comerciais do país representam mais de 50% dos fluxos comerciais, seja importação, seja exportação, para todos os subsetores analisados.

Entre os principais compradores de bens de capital do Brasil destacam-se a Argentina, os Estados Unidos e o Chile. Exceto no subsetor bens de capital agrícola no qual o Chile ocupa a nona posição, esses três países aparecem entre os cinco principais compradores brasileiros em todos os outros subsetores analisados. Em razão dessa concentração de mercado, as exportações brasileiras ficam condicionadas ao desempenho dessas economias.

Uma das explicações da redução das exportações em 2009 foi a crise internacional que afetou severamente as importações americanas. Considerando todo o setor de bens de capital, as importações dos EUA ainda não haviam se recuperado totalmente em 2016 e continuavam em patamares menores do que em 2008. Já o baixo crescimento da Argentina, a partir de 2012, com média anual negativa para o período, também foi relevante para explicar a redução das exportações brasileiras desse período.

Outro fator foi a perda de participação de mercado do Brasil nos seis principais compradores do país, destacadamente, o resultado com relação à Argentina. A perda de participação do país pode ter sido motivada pelo dinamismo das exportações chinesas do setor e do ganho de mercado desse país na América Latina e América do Norte.

Além de concentradas em poucos mercados, as exportações também ficaram concentradas no setor de transportes que representava cerca de 50% do total no triênio de 2014-2016 e com participação de 45% no acumulado do período. O Brasil destaca-se na produção desse setor. Os subsetores de bens seriados e bens para a construção também são muito relevantes comparativamente aos demais subsetores.

O setor de energia elétrica, considerado de alta intensidade tecnológica, no entanto, possui uma pequena importância nas exportações brasileiras e também na produção nacional, mas, por outro lado, ocupa um espaço importante nas importações do país.

6. Segundo Lautenschlager (2017, p. 217), "Na Argentina, é notável que o Brasil não foi o único a perder espaço nas importações de bens de capital do país. Entre os cinco maiores fornecedores desses produtos ao mercado argentino, Estados Unidos e França tiveram diminuições marcantes de seus *market shares*. O país beneficiário, como poderia ser esperado, foi a China, cuja participação de mercado cresceu nada menos que 8,6 p.p. no período. Contudo, chama a atenção o fato de que a perda brasileira de presença no mercado argentino concentrou-se no setor de equipamentos eletrônicos ou de comunicação, no qual se perdeu nada menos do que 30,4 p.p. de *market share*. De forma similar, a França foi quem sofreu com as vendas de outros equipamentos de transporte (-21,1 p.p.). Os Estados Unidos, por sua vez, tiveram prejuízos distribuídos mais uniformemente entre os setores." O autor não adota as mesmas definições para o conjunto dos bens analisados, mas a tendência parece ser a mesma.

O Brasil possui uma pequena participação nos fluxos internacionais do setor, ocupando apenas a 23ª no acumulado entre 2008-2016. Mesmo assim, era o segundo maior exportador do BRICS atrás apenas da China, a maior exportadora mundial. Em relação às importações, o Brasil ocupava a penúltima posição atrás apenas da África do Sul.

Entre os seis principais importadores de bens de capital do Brasil, o único em que o país possui elevado *market-share* é a Argentina. Nos subsetores de bens Agrícolas, Construção e Transporte, a participação de mercado brasileira foi superior a 40% no período.

O Brasil é um importador líquido de bens de capital e apresenta consistentemente déficits na balança comercial do setor. Somente o subsetor de transporte possui um desempenho positivo e acumulou superávits comerciais. A cobertura dos déficits setoriais dependeu do saldo positivo das exportações de commodities.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. P.; WERNECK, R. L. F. Estabilização, Abertura e Privatização, 1990-1994. *ABREU, M. P. A ordem do progresso*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. p. 313–330.
- ARAUJO, B. *Estudos setoriais de inovação: Indústria de bens de capital*. Belo Horizonte: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, 2009. Disponível em: [http://www.abdi.com.br/Estudo/Indústria de Bens de Capital.pdf](http://www.abdi.com.br/Estudo/Industria de Bens de Capital.pdf). Acesso em: 14 set. 2017.
- CASTRO, L. B. Privatização, abertura e desindexação: a primeira metade dos anos 90. *Economia Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Elsevier, 2011. p. 131–163.
- DELGADO, G. C. Especialização primária como limite ao desenvolvimento. *Desenvolvimento em debate*, v. 1, n. 2, p. p.111-125, 2010. Disponível em: http://desenvolvimentoemdebate.ie.ufrj.br/pdf/dd_guilherme.pdf. Acesso em: 5 jan. 2018.
- GRAMS, J. C. *et al.* Competitividade das Exportações da Indústria Automobilística Brasileira: Uma Análise Constant Market Share. *Desenvolvimento em Questão*, v. 11, n. 23, p. 247, 17 jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/421>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- HIDALGO, Á. B.; FEISTEL, P. R. Mudanças na estrutura do comércio exterior brasileiro: uma análise sob a ótica da teoria de Heckscher-Ohlin. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, v. 43, n. 1, p. 79–108, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612013000100004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 5 jan. 2018.
- LAFAY, G. The measurement of revealed comparative advantages. *DAGENAIS, M. G.; MUET, P.-A. (ed.). International Trade Modelling*. London: Springer-Science and Business Media, 1992. p. 209–236.
- LAPLANE, M.; SARTI, F. Investimento Direto Estrangeiro e o Impacto na Balança Comercial nos Anos 90. *Texto para a discussão n° 626 - IPEA*, 1999. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0629.pdf. Acesso em: 8 set. 2017.
- LAUTENSCHLAGER, A. As exportações mundiais de bens de capital no contexto da crise financeira internacional. *BNDES Setorial*, v. 45, p. 1989–225, 2017. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/11755>. Acesso em: 3 fev. 2019.
- NEGRI, F.; ALVARENGA, G. V. A primarização da pauta de exportação brasileira: ainda um dilema. *Boletim Radar*, v. 11, 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/porta1/images/stories/PDFs/radar/110509_radar13_cap1.pdf. Acesso em: 21 mar. 2018.
- OLIVEIRA, A. C. Estrutura e dinâmica do fluxo comercial brasileiro de bens de capital no período 1989-2016. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 1, n. 42, p. 348–368, 2019. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/5984/3836>. Acesso em: 2 out. 2019.

PEDRO, L. S.; BARROS, D. C. As mudanças estruturais do setor automotivo, os impactos da crise e as perspectivas para o Brasil. *BNDES Setorial*, v. 34, p. 173–202, 2011. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>. Acesso em: 1 fev. 2019.

RESENDE, M. F. C.; ANDERSON, P. Mudanças Estruturais na Indústria Brasileira de Bens de Capital. *Texto para a discussão n° 658 - IPEA*, p. 1–56, 1999. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0658.pdf. Acesso em: 8 set. 2017.

VERMULM, R. O setor de bens de capital. In: SCHWARTZMAN, S. (Org.). *Ciência e Tecnologia no Brasil: política industrial, mercado de trabalho e instituições de apoio*. [S.l.]: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1995. p. 149–178.

WEISE, M. R. O comportamento da indústria de bens de capital após a implantação do Plano Real. *Revista da FAE*, v. 3, n. 3, 2 fev. 2000. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/511>. Acesso em: 8 set. 2017.

ANEXO A

Tabela 6 – Os 20 principais países de destino das exportações de bens de capital do Brasil - (Mil US\$ 2010 constante)

Parceiro	2008	2012	2016	Acumulado 2008-2016	Participação na pauta	Acumulado
Argentina	5,680,769.23	5,339,152.30	3,933,217.21	43,957,509.59	23.08%	23.08%
EUA	5,585,086.77	3,747,992.54	5,081,417.11	37,149,773.19	19.51%	42.59%
México	1,632,342.04	1,482,799.49	1,226,657.20	12,347,778.91	6.48%	49.08%
Chile	1,305,425.56	1,313,833.44	829,697.85	9,615,797.03	5.05%	54.12%
Alemanha	1,199,274.31	1,331,149.43	681,072.25	9,059,598.46	4.76%	58.88%
China	603,490.00	1,209,898.19	1,387,499.49	6,628,393.80	3.48%	62.36%
Peru	923,404.59	989,128.82	641,470.97	6,615,773.01	3.47%	65.84%
Irlanda	2,730.54	1,148,417.08	288,487.21	4,457,451.43	2.34%	68.18%
Colômbia	595,207.23	458,699.97	347,064.99	4,184,661.26	2.20%	70.37%
Paraguai	468,666.10	416,225.43	331,672.23	4,068,166.04	2.14%	72.51%
Uruguai	433,503.48	345,719.94	210,585.37	3,148,365.05	1.65%	74.16%
Canadá	417,966.52	360,693.25	230,619.60	2,860,546.68	1.50%	75.67%
France	450,267.05	256,325.04	190,651.96	2,785,333.95	1.46%	77.13%
Bolívia	175,312.25	326,518.18	310,184.38	2,533,418.87	1.33%	78.46%
Reino Unido	284,443.26	239,563.51	306,771.94	2,432,292.06	1.28%	79.74%
África do Sul	350,801.27	283,053.39	187,755.88	2,266,213.41	1.19%	80.93%
Equador	364,174.99	212,404.90	135,136.88	2,026,411.27	1.06%	81.99%
Itália	321,827.18	224,315.76	163,720.74	1,910,460.02	1.00%	82.99%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 7 – Os 20 principais países de origem das importações de bens de capital do Brasil - (Mil US\$ 2010 constante)

Parceiro	2008	2012	2016	Acumulado 2008-2016	Participação a pauta	Acumulado
China	3,109,455.40	5,593,595.92	4,517,296.29	43,595,252.20	16.83%	16.83%
EUA	4,625,322.29	5,552,720.91	3,090,597.11	41,995,778.88	16.22%	33.05%
Argentina	2,380,878.55	3,922,865.79	2,167,476.04	28,489,260.13	11.00%	44.05%
Alemanha	3,540,052.43	3,535,132.44	2,242,092.79	28,051,755.81	10.83%	54.88%
Japão	2,312,761.92	2,213,214.68	1,090,013.92	17,597,459.49	6.80%	61.68%
Itália	1,547,069.62	1,760,532.96	1,101,700.62	14,271,430.02	5.51%	67.19%
Coréia do Sul	731,037.09	1,508,275.21	1,867,870.33	11,115,996.37	4.29%	71.48%
France	1,180,724.74	1,457,260.98	744,569.31	10,550,776.91	4.07%	75.56%
México	476,369.86	777,160.77	881,204.26	6,594,634.71	2.55%	78.10%
Suécia	693,505.37	808,828.63	370,299.67	6,186,345.83	2.39%	80.49%
Tailândia	399,695.17	806,780.15	378,244.95	4,954,501.11	1.91%	82.41%
Spain	433,741.59	633,416.88	363,186.95	4,668,495.47	1.80%	84.21%
Reino Unido	397,454.18	559,277.61	304,932.32	3,877,745.75	1.50%	85.71%
Índia	149,556.78	489,743.28	236,892.36	2,939,267.56	1.14%	86.84%
Suíça	316,303.99	397,561.11	108,948.60	2,884,628.96	1.11%	87.96%
Canadá	226,742.27	252,992.91	113,223.39	2,425,267.73	0.94%	88.89%
Outros países da Ásia	324,668.95	309,010.08	136,980.73	2,330,326.44	0.90%	89.79%
Áustria	179,596.41	335,903.64	174,662.84	2,271,925.80	0.88%	90.67%
Finlândia	229,669.44	260,819.25	261,644.35	2,152,718.83	0.83%	91.50%
República Tcheca	161,122.23	214,289.85	127,497.36	1,738,426.01	0.67%	92.17%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados do CONTRADE

Tabela 8 – Principais exportadores mundiais e países do BRICS (Mil US\$ 2010 constante)

	Países	2008	2009	2010	2011	2012
1	China	324,218,259.70	309,141,289.45	428,231,721.61	506,282,822.12	548,584,974.27
2	Alemanha	276,583,821.30	198,309,126.92	233,747,726.01	287,386,837.64	279,514,285.50
3	EUA	215,163,736.95	175,115,634.59	206,267,307.29	232,654,116.12	261,842,621.73
4	Japão	151,703,309.18	116,936,229.35	163,628,881.64	182,882,114.28	187,308,833.68
5	França	108,370,043.95	85,919,384.17	96,887,462.29	112,826,495.00	111,959,178.11
6	México	64,368,556.56	60,841,462.74	88,785,940.66	101,352,415.94	108,493,055.45
7	Itália	92,976,468.17	66,959,702.61	73,312,960.20	88,776,668.65	83,012,214.71
8	Coréia do Sul	69,981,978.14	57,777,111.24	71,954,667.20	85,347,599.21	86,992,878.74
23	Brasil	25,193,017.15	16,707,019.20	21,359,011.40	25,717,015.15	23,886,997.49
26	Índia	12,659,322.45	10,685,553.87	14,833,891.02	18,956,801.42	21,147,620.22
34	África do Sul	7,900,299.02	5,692,784.25	7,038,426.28	8,515,358.79	9,388,436.51
44	Rússia	3,326,152.20	3,316,854.29	3,437,384.54	6,139,841.44	7,034,378.60

	Países	2013	2014	2015	2016
1	China	586,452,221.90	627,899,907.58	604,360,994.67	578,649,099.21
2	Alemanha	289,351,287.72	301,351,521.73	266,789,173.01	263,954,001.97
3	EUA	256,621,603.70	273,317,620.46	256,426,301.71	242,234,477.98
4	Japão	158,425,367.28	154,344,333.86	133,948,630.39	132,629,250.25
5	França	118,052,291.32	125,941,333.67	106,108,363.66	103,925,212.05
6	México	113,517,707.03	121,637,820.42	131,516,787.03	133,489,440.70
7	Itália	89,004,397.96	90,621,782.97	78,431,304.71	77,387,337.03
8	Coréia do Sul	91,699,993.07	87,045,482.49	79,928,541.02	75,531,248.75
23	Brasil	22,042,071.93	19,609,085.59	18,369,174.78	19,958,269.91
26	Índia	19,825,032.24	19,751,206.68	18,807,772.03	18,049,980.98
34	África do Sul	9,707,987.60	9,543,594.97	7,824,742.33	6,558,185.06
44	Rússia	5,935,209.60	5,273,468.70	4,157,478.80	4,036,834.28

Fonte: Resultados da pesquisa, dados do CONTRADE

Tabela 9 – Principais importadores mundiais e países do BRICS (Mil US\$ 2010 constante)

	Países	2008	2009	2010	2011	2012
	EUA	323,963,744.94	267,234,989.35	334,221,234.63	384,614,411.14	406,900,849.06
2	Alemanha	180,024,287.54	140,405,260.73	169,456,388.10	195,424,209.37	183,340,344.21
3	China	93,637,212.64	88,895,495.93	117,218,200.75	133,528,186.60	129,239,807.98
4	França	98,788,136.39	75,067,596.95	89,664,672.01	106,419,207.00	99,756,779.72
5	Canadá	84,506,785.04	65,611,315.99	84,088,698.30	97,260,002.58	103,023,559.61
6	Reino Unido	92,331,432.08	51,612,105.15	84,055,780.65	94,017,421.51	85,117,945.86
7	México	58,933,567.70	46,030,383.08	59,121,083.65	68,763,817.88	77,257,458.39
8	Japão	56,315,999.17	44,974,185.70	56,748,921.44	69,481,343.10	80,726,276.49
11	Rússia	60,409,703.48	30,674,353.73	45,421,067.36	67,285,368.91	78,501,595.38
19	Índia	0.00	28,507,261.42	32,754,077.01	36,245,798.22	37,418,705.82
23	Brasil	25,594,336.99	20,245,458.48	28,063,954.53	33,622,632.27	34,450,058.95
37	África do Sul	15,897,494.79	11,221,117.92	14,002,694.49	18,130,319.03	17,822,129.24

	Países	2013	2014	2015	2016
1	EUA	418,059,252.45	458,798,746.86	473,006,660.46	456,185,084.12
2	Alemanha	189,445,996.94	199,806,316.35	178,992,293.64	181,736,957.56
3	China	132,024,349.96	142,658,191.14	124,108,320.52	132,331,543.54
4	França	100,048,028.89	98,003,386.08	87,642,164.07	91,443,860.17
5	Canadá	101,061,068.19	102,042,526.44	96,902,485.20	95,979,678.91
6	Reino Unido	89,820,739.77	105,768,818.88	100,745,334.82	100,745,082.38
7	México	79,368,544.11	83,207,306.64	84,751,259.54	82,094,039.43
8	Japão	79,445,845.50	82,159,433.63	72,052,526.88	73,414,947.60
11	Rússia	75,888,776.48	69,572,061.89	40,887,362.41	38,365,580.52
19	Índia	36,730,640.02	37,743,725.77	38,945,985.23	36,936,160.02
23	Brasil	37,735,148.46	34,524,020.45	26,411,379.30	22,366,192.81
37	África do Sul	17,266,468.01	15,853,581.63	14,525,233.15	12,637,743.01

Fonte: Resultados da pesquisa, dados do CONTRADE

Tabela 10 – Bens de Capital Seriadados - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

		EUA	Alemanha	China	México
2008-2010	Importação Total BK	49,885,446.88	29,990,053.93	31,930,840.54	12,204,196.36
	Exportação Brasil BK	745,565.81	314,664.97	80,934.88	225,271.28
	Market share	1.49%	1.05%	0.25%	1.85%
2011-2013	Importação Total BK	65,907,459.73	36,844,783.03	42,055,526.33	16,931,857.08
	Exportação Brasil BK	900,507.98	361,916.53	123,026.80	234,601.16
	Market share	1.37%	0.98%	0.29%	1.39%
2014-2016	Importação Total BK	74,460,557.43	36,514,406.77	37,648,279.50	20,036,432.49
	Exportação BK Brasil	752,065.70	250,641.29	105,605.73	261,097.13
	Market share	1.01%	0.69%	0.28%	1.30%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	32.12%	22.86%	31.71%	38.74%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	20.78%	15.02%	52.01%	4.14%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	12.98%	-0.90%	-10.48%	18.34%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-16.48%	-30.75%	-14.16%	11.29%
		Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor
2008-2010	Importação Total BK	2,120,081.36	1,817,715.95	378,987,452.30	127,948,335.01
	Exportação Brasil BK	432,577.40	104,450.43	3,242,827.33	1,903,464.77
	Market share	20.40%	5.75%	0.86%	1.49%
2011-2013	Importação Total BK	2,799,077.86	2,619,595.36	479,925,603.10	167,158,299.39
	Exportação Brasil BK	568,414.13	120,865.08	3,852,557.39	2,309,331.68
	Market share	20.31%	4.61%	0.80%	1.38%
2014-2016	Importação Total BK	2,541,882.65	2,183,399.03	474,589,952.57	173,384,957.88
	Exportação BK Brasil	371,466.57	99,275.32	3,154,765.44	1,088,086.04
	Market share	14.61%	4.55%	0.66%	0.63%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	32.03%	44.11%	26.63%	30.65%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	31.40%	15.72%	18.80%	21.32%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-9.19%	-16.65%	-1.11%	3.73%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-34.65%	-17.86%	-18.11%	-52.88%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 11 – Bens de Capital Não Seriados - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

		EUA	Alemanha	China	México
2008-2010	Importação Total BK	5,286,128.40	2,500,753.38	5,824,425.25	2,070,807.81
	Exportação Brasil BK	63,990.66	17,605.33	38,242.62	33,556.59
	Market share	1.21%	0.70%	0.66%	1.62%
2011-2013	Importação Total BK	5,850,519.71	2,868,956.75	5,509,548.91	2,487,338.60
	Exportação Brasil BK	82,078.72	5,590.50	28,211.09	21,848.15
	Market share	1.40%	0.19%	0.51%	0.88%
2014-2016	Importação Total BK	6,463,248.74	2,660,214.51	4,221,412.66	2,652,744.55
	Exportação BK Brasil	48,904.54	5,288.09	6,167.45	28,892.56
	Market share	0.76%	0.20%	0.15%	1.09%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	10.68%	14.72%	-5.41%	20.11%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	28.27%	-68.25%	-26.23%	-34.89%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	10.47%	-7.28%	-23.38%	6.65%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-40.42%	-5.41%	-78.14%	32.24%
		Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor
2008-2010	Importação Total BK	313,814.00	652,660.78	59,960,355.47	16,648,589.64
	Exportação Brasil BK	34,547.54	46,772.99	510,006.90	234,715.73
	Market share	11.01%	7.17%	0.85%	1.41%
2011-2013	Importação Total BK	381,947.98	726,461.47	71,234,701.91	17,824,773.42
	Exportação Brasil BK	42,257.78	51,497.89	464,920.75	231,484.12
	Market share	11.06%	7.09%	0.65%	1.30%
2014-2016	Importação Total BK	327,756.14	631,422.80	66,286,203.96	16,956,799.40
	Exportação BK Brasil	36,048.00	32,719.50	363,237.52	109,115.60
	Market share	11.00%	5.18%	0.55%	0.64%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	21.71%	11.31%	18.80%	7.06%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	22.32%	10.10%	-8.84%	-1.38%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-14.19%	-13.08%	-6.95%	-4.87%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-14.69%	-36.46%	-21.87%	-52.86%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 12 – Bens de Capital Agrícola - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

		EUA	Alemanha	China	México
2008-2010	Importação Total BK	16,251,936.08	10,661,911.48	8,671,919.67	4,646,067.07
	Exportação Brasil BK	148,079.82	73,620.16	9,447.53	115,341.22
	Market share	0.91%	0.69%	0.11%	2.48%
2011-2013	Importação Total BK	22,814,246.99	12,629,285.54	11,277,982.92	6,153,244.26
	Exportação Brasil BK	184,098.47	47,669.98	5,887.19	80,622.15
	Market share	0.81%	0.38%	0.05%	1.31%
2014-2016	Importação Total BK	25,416,851.16	12,678,644.73	11,207,936.54	7,381,961.85
	Exportação BK Brasil	166,789.94	22,824.13	4,266.82	68,242.25
	Market share	0.66%	0.18%	0.04%	0.92%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	40.38%	18.45%	30.05%	32.44%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	24.32%	-35.25%	-37.69%	-30.10%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	11.41%	0.39%	-0.62%	19.97%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-9.40%	-52.12%	-27.52%	-15.36%
		Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor
2008-2010	Importação Total BK	915,073.90	643,928.70	132,660,886.31	41,790,836.90
	Exportação Brasil BK	355,736.48	26,269.93	1,272,256.77	728,495.13
	Market share	38.88%	4.08%	0.96%	1.74%
2011-2013	Importação Total BK	1,219,868.48	892,408.22	164,347,682.36	54,987,036.41
	Exportação Brasil BK	512,375.66	30,974.03	1,496,617.73	861,627.48
	Market share	42.00%	3.47%	0.91%	1.57%
2014-2016	Importação Total BK	944,375.36	682,348.20	163,669,254.17	58,312,117.85
	Exportação BK Brasil	365,885.51	28,324.10	1,173,283.43	489,542.80
	Market share	38.74%	4.15%	0.72%	0.84%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	33.31%	38.59%	23.89%	31.58%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	44.03%	17.91%	17.63%	18.27%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-22.58%	-23.54%	-0.41%	6.05%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-28.59%	-8.56%	-21.60%	-43.18%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 13 – Bens de Capital Construção - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

	EUA	Alemanha	China	México	
2008-2010	Importação Total BK	33,906,401.61	23,358,224.02	15,690,640.85	11,137,787.91
	Exportação Brasil BK	671,575.30	115,266.99	27,196.95	369,531.63
	Market share	1.98%	0.49%	0.17%	3.32%
2011-2013	Importação Total BK	50,006,767.42	29,913,291.06	22,753,764.03	16,666,613.28
	Exportação Brasil BK	776,320.88	111,192.43	40,121.71	410,026.84
	Market share	1.55%	0.37%	0.18%	2.46%
2014-2016	Importação Total BK	58,549,048.84	31,499,933.85	22,563,661.06	18,525,264.25
	Exportação BK Brasil	732,679.08	68,347.57	13,683.45	276,200.55
	Market share	1.25%	0.22%	0.06%	1.49%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	47.48%	28.06%	45.01%	49.64%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	15.60%	-3.53%	47.52%	10.96%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	17.08%	5.30%	-0.84%	11.15%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-5.62%	-38.53%	-65.90%	-32.64%
	Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor	
2008-2010	Importação Total BK	2,709,577.44	1,648,366.44	246,824,268.01	88,450,998.28
	Exportação Brasil BK	1,376,417.03	137,677.62	4,217,141.89	2,697,665.52
	Market share	50.80%	8.35%	1.71%	3.05%
2011-2013	Importação Total BK	3,788,081.63	2,626,640.85	336,953,066.43	125,755,158.27
	Exportação Brasil BK	1,868,348.42	178,885.06	5,409,559.11	3,384,895.33
	Market share	49.32%	6.81%	1.61%	2.69%
2014-2016	Importação Total BK	2,623,762.51	1,299,853.36	325,437,079.97	135,061,523.87
	Exportação BK Brasil	1,034,733.50	109,912.74	3,633,273.65	1,392,965.08
	Market share	39.44%	8.46%	1.12%	1.03%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	39.80%	59.35%	36.52%	42.17%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	35.74%	29.93%	28.28%	25.47%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-30.74%	-50.51%	-3.42%	7.40%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-44.62%	-38.56%	-32.84%	-58.85%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 14 – Bens de Capital Elétrico - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

	EUA	Alemanha	China	México	
2008-2010	Importação Total BK	19,121,088.99	9,818,274.25	9,943,215.05	3,966,000.47
	Exportação Brasil BK	192,804.22	30,903.04	9,835.07	41,366.41
	Market share	1.01%	0.31%	0.10%	1.04%
2011-2013	Importação Total BK	23,800,718.01	12,238,304.47	11,862,652.52	5,305,302.44
	Exportação Brasil BK	141,238.94	16,936.12	14,158.01	27,037.73
	Market share	0.59%	0.14%	0.12%	0.51%
2014-2016	Importação Total BK (4)	28,236,108.27	13,079,703.90	12,569,873.48	6,051,364.05
	Exportação BK Brasil (5)	107,177.98	10,526.22	38,380.84	23,042.24
	Market share (6)	0.38%	0.08%	0.31%	0.38%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	24.47%	24.65%	19.30%	33.77%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	-26.74%	-45.20%	43.95%	-34.64%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	18.64%	6.88%	5.96%	14.06%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-24.12%	-37.85%	171.09%	-14.78%
	Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor	
2008-2010	Importação Total BK	546,358.29	423,150.98	121,176,866.64	43,818,088.03
	Exportação Brasil BK	79,123.51	67,985.05	785,628.81	422,017.31
	Market share	14.48%	16.07%	0.65%	0.96%
2011-2013	Importação Total BK	721,359.88	525,487.58	155,691,282.01	54,453,824.91
	Exportação Brasil BK	105,477.59	34,883.54	730,175.66	339,731.93
	Market share	14.62%	6.64%	0.47%	0.62%
2014-2016	Importação Total BK (4)	795,370.18	886,978.54	160,020,173.13	61,619,398.42
	Exportação BK Brasil (5)	92,851.74	34,919.13	610,499.69	199,720.18
	Market share (6)	11.67%	3.94%	0.38%	0.32%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	32.03%	24.18%	28.48%	24.27%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	33.31%	-48.69%	-7.06%	-19.50%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	10.26%	68.79%	2.78%	13.16%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-11.97%	0.10%	-16.39%	-41.21%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 15 – Bens de Capital Transporte - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

		EUA	Alemanha	China	México
2008-2010	Importação Total BK	37,730,830.81	48,630,701.54	16,988,361.13	8,180,443.63
	Exportação Brasil BK	1,623,882.19	500,863.16	401,293.83	485,081.57
	Market share	4.30%	1.03%	2.36%	5.93%
2011-2013	Importação Total BK	53,296,040.11	49,710,275.17	24,332,493.97	11,673,888.44
	Exportação Brasil BK	1,538,755.11	616,705.51	659,684.43	647,247.93
	Market share	2.89%	1.24%	2.71%	5.54%
2014-2016	Importação Total BK	69,361,661.01	42,552,603.40	29,284,863.04	12,287,911.77
	Exportação BK Brasil	2,949,382.18	314,880.06	549,237.29	559,719.76
	Market share	4.25%	0.74%	1.88%	4.56%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	41.25%	2.22%	43.23%	42.70%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	-5.24%	23.13%	64.39%	33.43%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	30.14%	-14.40%	20.35%	5.26%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	91.67%	-48.94%	-16.74%	-13.52%
		Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor
2008-2010	Importação Total BK	3,851,442.64	3,012,404.74	374,870,451.25	118,394,184.50
	Exportação Brasil BK	1,994,117.64	578,503.11	8,752,915.95	5,583,741.50
	Market share	51.78%	19.20%	2.33%	4.72%
2011-2013	Importação Total BK	4,654,092.38	5,235,526.19	477,971,211.85	148,902,316.25
	Exportação Brasil BK	2,851,210.48	704,054.00	10,747,297.78	7,017,657.46
	Market share	61.26%	13.45%	2.25%	4.71%
2014-2016	Importação Total BK	4,066,991.25	3,983,062.68	482,910,028.43	161,537,093.15
	Exportação BK Brasil	1,914,762.08	499,540.86	9,671,089.13	3,838,140.06
	Market share	47.08%	12.54%	2.00%	2.38%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	20.84%	73.80%	27.50%	25.77%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	42.98%	21.70%	22.79%	25.68%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-12.61%	-23.92%	1.03%	8.49%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-32.84%	-29.05%	-10.01%	-45.31%

Fonte: Resultados da pesquisa, dados CONTRADE

Tabela 16 – Bens de Capital Uso Misto - Importações Mundiais, Exportações Brasil, Participação de Mercado (Mil US\$ 2010 constante)

		EUA	Alemanha	China	México
2008-2010	Importação Total BK	149,659,137.81	40,958,891.05	11,995,569.10	13,738,709.98
	Exportação Brasil BK	318,571.96	83,083.92	19,194.93	88,250.50
	Market share	0.21%	0.20%	0.16%	0.64%
2011-2013	Importação Total BK	186,417,642.03	48,749,100.16	15,982,830.73	17,838,919.05
	Exportação Brasil BK	192,998.79	59,779.49	37,156.66	111,709.95
	Market share	0.10%	0.12%	0.23%	0.63%
2014-2016	Importação Total BK	206,320,368.30	51,749,021.20	18,079,407.23	18,845,596.33
	Exportação BK Brasil	178,668.36	23,609.50	5,551.46	91,986.48
	Market share	0.09%	0.05%	0.03%	0.49%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	24.56%	19.02%	33.24%	29.84%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	-39.42%	-28.05%	93.58%	26.58%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	10.68%	6.15%	13.12%	5.64%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-7.43%	-60.51%	-85.06%	-17.66%
		Argentina	Chile	Total BK mundo setor	Total 6 maiores setor
2008-2010	Importação Total BK	2,831,005.64	2,577,787.08	601,041,074.00	221,761,100.67
	Exportação Brasil BK	816,913.88	181,317.41	2,305,571.61	1,507,332.60
	Market share	28.86%	7.03%	0.38%	0.68%
2011-2013	Importação Total BK	1,886,750.41	4,056,672.59	793,884,288.54	274,931,914.97
	Exportação Brasil BK	152,550.74	117,422.38	1,180,899.76	671,618.00
	Market share	8.09%	2.89%	0.15%	0.24%
2014-2016	Importação Total BK	1,714,232.74	3,887,565.71	831,781,176.18	300,596,191.51
	Exportação BK Brasil	73,782.25	30,706.84	706,027.89	225,636.54
	Market share	4.30%	0.79%	0.08%	0.08%
	Crescimento importações BK do período 1 para o 2	-33.35%	57.37%	32.08%	23.98%
	Crescimento Exportações do Brasil de BK do período 1 para o 2	-81.33%	-35.24%	-48.78%	-55.44%
	Crescimento importações BK do período 2 para o 3	-9.14%	-4.17%	4.77%	9.33%
	Crescimento Exportações do Brasil BK do período 2 para o 3	-51.63%	-73.85%	-40.21%	-66.40%

Fonte - Resultados da pesquisa, dados CONTRADE